



CABO VERDE ANO UM

A «Seara Nova» acaba de editar um novo estudo de Manuel Ferreira: «No reino de Caliban/Antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa», volume I, Cabo Verde e Guiné-Bissau. É dessa antologia, que constitui um importante acontecimento cultural, que retiramos «Flagelados do Vento Leste», do poeta cabo-verdiano Ovidio Martins.

FLAGELADOS DO VENTO LESTE



Nós somos os flagelados do Vento-Leste!

Nosso favor não houve campanhas de solidariedade não se abriram os lares para nos abrigar e não houve braços estendidos fraternalmente para nós

Somos os flagelados do Vento-Leste!

O mar transmitiu-nos a sua perseverança Aprendemos com o vento a bailar na desgraça As cabras ensinaram-nos a comer pedras para não perecermos

Somos os flagelados do Vento-Leste!

Morremos e ressuscitamos todos os anos para desespero dos que nos impedem a caminhada

Teimosamente continuamos de pé num desafio aos deuses e aos homens E as estiagens já não nos metem medo porque descobrimos a origem das coisas (quando pudermos!...)

Somos os flagelados do Vento-Leste!

Os homens esqueceram-se de nos chamar irmãos

É as vozes solidárias que temos sempre escutado

São apenas as vozes do mar

que nos salgou o sangue as vozes do vento

que nos entranhou o ritmo do equilíbrio e as vozes das nossas montanhas.

estranha e silenciosamente musicais

Nós somos os flagelados do Vento-Leste!

(Caminhada, 1962)

REGRESSO

Mamã Velha, venha ouvir comigo o bater da chuva lá no seu portão É um bater de amigo que vibra dentro do meu coração.

A chuva amiga, Mamã Velha, a chuva que há tanto tempo não batia assim... Ouvi dizer que a Cidade Velha, — a ilha toda Em poucos dias já virou jardim...

Dizem que o campo se cobriu de verde da cor mais bela, porque é cor da esperança Que a terra, agora, é mesmo Cabo Verde — É a tempestade que virou bonança...

Venha comigo, Mamã Velha, venha recobre a força e chegue-se ao portão. A chuva amiga já falou mantenha e bate dentro do meu coração

AMILCAR CABRAL (1949)

GROGUINHO EM QUATRO ESTÓRIAS



1 O primeiro mindelense que me convidou para um groguinho foi o sr. Alfama pai. O segundo foi o Djóni Mòrais. Entre um e outro aprendi que aquela aguardente forte, imprópria para europeu de gravata, era um convite às estórias e às gargalhadas mansas, que trocávamos cada vez mais deliciosos.

As senhoras bebiam chá, refrescos em copos altos, e partiam biscoitos com os dedos muito finos. Os homens estavam mesmo ao lado, um pé lá, na conversa das xicaras, um pé cá, falando náufragos da maior aventura ou então amores — malícias de amores!

Uma jovem uma vez perguntou-me:

«Conhece o poeta José Lopes?»

E eu não conhecia. Recitou-me então José Lopes, o versejador em francês, rescendendo a longínquas ervas da Provença... Com o que me admirei logo:

«Mas vive na França, emigrou, educou-se onde, diga você?»

Vivia em Cabo Verde. Meninas de dezoito anos podiam saber versos dele e olhar-nos (olhar-me, que era o caso) pedindo aprovação. Eu, de groguinho dissimulado atrás das costas, levava o indicador da mão livre ao nariz e coçava em pânico, como se os tubarões estivessem a devorar metade do sol.

2 «É a Titina!»

A Titina cantava mornas e coladêras, mas o que ela sabia fazer melhor era varar o forasteiro com uns olhos de imensos relâmpagos.

Creio que tinham inventado a Titina para ninguém poder nunca jamais tirar da lembrança o crepúsculo na esplanada ao pé do cinema, enquanto Mimi, o empresário, ria as suas chacotas e propunha a enésima cerveja holandesa.

Uma noite a Titina cantou no Grémio. Eu acabava de extasiar-me com o violino e a bateria afritivamente belos e ia a sair, tomar ar, mas uma das meninas Randall (digo bem?) puxou-me lá para dentro.

«Ah, vai cantar a Titina!» — ciciou.

O Deus, como aquilo foi do outro mundo. Dissolviam-se as luzes no jardim, soprava uma brisa de seda ou gaze, e as palavras da morna escapavam-se gementes de uma boca num rosto indecifrável em cima de uns ombros que derrotariam toda a beleza por conhecer. A letra era sobre um noivo perdido, um que prometera beber o mar e fugiu no fim, embarcou no fim, não queria já lhe amar e é isto que dói, que sacode os ombros de Titina, a fingidora.

«Gostou?»

«Passaram-me um groguinho. Bebe?»

Titina fez que sim com a cabeça. Nessa noite os copos endoideciam, borboletas vinham de cinquenta ilhas em redor matar-se no vidro dos candeeiros. O mar na Matiota acendia-se com lumes espantosos.

3 «Pois é» — dizia o meu amigo Arnaldo —, «pois é, eu aqui a assar os frangos e você a olhar para o relógio. Vai' mbora já? Olha que depois também tem os doces de Nha Bial!»

«Mas eu jantei, Arnaldo...»

«É, jantou. E não tem apetite para um franguinho, uma asa?»

«Amanhã eu volto. Posso almoçar, se você quiser. Guarda meio frango aí na cozinha e eu...»

«Não guardo nada. Está toda a gente, percebeu? E estes frangos foram criados ali mesmo, ali!» (apontava pela janela), «você não vai' mbora, percebeu?»

A trupe engrossava a cada minuto. Tinha dois ou três que não esperavam pelos frangos e que é que há, há arroz catum? «Tráz arroz catum, Arnaldo!» A garrafa de groguinho tropeçava nos copos de cerveja.

«Na Alemanha» — contou o da viola — «misturam o grogue, você sabe?»

Nem era preciso dizer com quê. Foi o que bebemos nas duas horas seguintes, enquanto Arnaldo, a paciência em duas patas, prometia «que o franguinho vem já, gente, está pronto o primeiro franguinho!»

4 Quando foi sabido que o grupo de teatro já não podia viajar a Santo Antão, alguém deve ter feito o cálculo das despesas e concluído que seria impraticável comer aquela cachupa toda e molhar os beiços naquele todo champanhe, muito menos pagá-los de boa mente. De modo que uma dúzia dos do grupo pediu boleia ao comandante Mendonça, plantou-se no cais à hora combinada e embarcou dentro

do habitual atraso ilhéu de duzentos minutos.

Santo Antão era a festa. Festa maciça, às cotoveladas alegres palpando na maior incredulidade as fatiotas pretas de estudante (capa e batina, que nós glosávamos: «caspa e brilhantina» ou, em francês de improviso, «chappe et hatine»).

Instaram-nos então ao passeio: uma volta «pequena» à ilha. Duro a manhã inteira, de «Land-Roven», e como surpresa quem é que acredita? Nos Orgãos, num pavilhão inenarrável de feio, houve discursos, vinho branco gelado e lagosta!

Eu bem olhava as pessoas e imaginava que naqueles anos de seca um deus vingador estaria tomando nota, uma a uma, de quantas vitualhas enchiam a pança ingénua dos convidados. Ah, comemorações do Achamento! AH, centenários à portuguesa! E guardei disso uma secreta, miserável vergonha.

Acabado o «rally» das covas, mais gente, mais palmas das vorazes, mais unhas correndo pelos panos negros, e o receio de que fôssemos afinal sacerdotes em excursão e ainda lhes pespegássemos com alguma ladainha caturra. O que não correspondia à verdade: veja-se o rompante de meia dúzia dos da dúzia por um café e as estórias desboçadas que lá deixámos.

O programa incluía almoço em casa do administrador, discursatas novas e o tal champanhe de que falei mais acima. Com muito bom ar não desdenhámos de nada do que nos ofereciam, fazendo-o mesmo em quantidade. Só ao terceiro e lancinante apito do comandante Mendonça é que largámos o banquete da autoridade.

Mendonça, anfitrião sobre águas, reservava-nos a derradeira pitaça.

«Bebe com gelo?»

Tirei dois cubos.

«Água mineral?»

Que sim — respondi.

«Pois cá vai à nossa!» — brindou o capitão.

Era um grogue velho disfarçado numa garrafa de «White Label».

Ao terceiro, por qualquer mecanismo de compensação, fechei os olhos e descobri que o Mato Inglês se cobria de verdura, os algerozes do Mindelo escorriam um mar de água cantante, Bininha ressuscitava o irmão morto há dois meses de uma coisa que não constava do centenário oficial — fome.

FERNANDO ASSIS PACHECO

